

POLLYANNA VISTA PELOS OLHOS DE MONTEIRO LOBATO

Katia Regiane Gonçalves dos Santos

Pollyanna. Eleanor H. PORTER. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1971, 12ª ed. 184p.

A escritora e romancista americana Eleanor H. Porter (1868–1920) foi criada para ser cantora, mas preferiu a literatura, na qual se dedicou principalmente a escrever para o público infantil. Sua obra infantil mais famosa é *Pollyanna* (1913), traduzida por Monteiro Lobato, mais tarde seguida pela sequência *Pollyanna Grows Up* (1915), traduzida por Lobato com nome de *Pollyanna Moça*. Sua primeira obra em literatura infantil foi *Correntes Cruzadas* (*Cross Currents*), publicada em 1907, seguida, no ano subsequente, por outra de igual sucesso, *A Maré* (*The Turn of the Tide*). Enveredando na literatura infantil, Porter escreveu outras obras como *Miss Billy*, *Miss Billy's Decision* (*A Decisão de Miss Billy*), *Miss Billy Married* (*Miss Billy Casada*) e *Six Star Ranch*.

A obra *Pollyanna* foi traduzida pelo escritor-tradutor Monteiro Lobato (1882-1948). Monteiro Lobato, bacharel em Direito, escreveu para jornais de Taubaté, Santos e Rio de Janeiro; foi pioneiro da literatura infantil brasileira, pois até 1920 não há registro de obras direcionadas às crianças brasileiras. Sua primeira obra infantil foi *A Menina do Nariz Arrebitado*, em 1920. Traduziu e adaptou obras como *Peter Pan*, *Alice no País das Maravilhas*, *Robinson Crusóé*, *Tom Sawyer*, *Huckleberry Finn*, *As viagens de Gulliver*, entre outras.

Pollyanna foi uma obra de grande repercussão popular nos Estados Unidos e depois em todo mundo. Houve uma impressionante onda de esperança, boa vontade e entusiasmo. Hotéis, casas de chá, lojas e crianças ganharam o nome da menina, que

simbolizava a bondade e o otimismo. Milhões de exemplares, literalmente, foram e continuam sendo impressos; inúmeras vezes a obra foi levada ao palco, à tela e à televisão, com enorme sucesso de público. Gerações de leitores continuam sendo envolvidos pela história comovente da pequena órfã Pollyanna, que, com um contagiante otimismo e carregada dos mais puros sentimentos, toca no fundo da alma de qualquer tipo de leitor, incapaz de ficar indiferente à mensagem de euforia e alegria transmitida pela criatura que logo às primeiras páginas aprendemos a amar e que jamais esquecemos.

Pollyanna é uma obra dividida em 32 capítulos com títulos que descrevem a ação principal a ser narrada em cada um. A narrativa conta a história de uma menina de onze anos que, ao perder o pai e não ter mais quem cuide dela, vai morar com a tia, Miss Polly Harrington, irmã de sua mãe. Ao se mudar para a casa da tia, Pollyanna muda completamente a rotina pacata da casa de Miss Polly. Pollyanna tem esse nome devido a uma homenagem que sua mãe, Jennie Whittier, fez às suas irmãs, que se chamavam Polly e Anna.

A história começa com a apresentação de Miss Polly, uma senhora de quarenta anos que vivia só na grande mansão senhorial dos Harringtons. Miss Polly era a caçula de três irmãs. Seus pais e suas irmãs já estavam todos mortos. Há anos era a única dona da mansão e da fortuna deixada pelo pai. Miss Polly dizia gostar da solidão, não se importando em arrumar um companheiro. Era uma pessoa que além de só, era muito austera e nunca demonstrava seus sentimentos. Pollyanna era filha de sua irmã, Jennie, que saiu de casa para viver com um homem que a família desaprovava por ser um simples ministro pobre, depois de dispensar um homem “bastante rico” que a desejava e era do agrado geral da família. Jennie deixou sua família e nunca mais teve contato, apesar de escrever raramente para sua família.

Apesar da pouca idade, Pollyanna tinha a experiência de vida de um adulto, pois sua vida não tinha sido fácil. Seus pais eram pobres e missionários. Levavam uma vida de privações e doações da Sociedade da Auxiliadora Feminina. Ela aprendera a ler e a escrever com o pai e todos os seus conhecimentos vinham

dele, mas não tinha permissão de pronunciar o seu nome na casa de Miss Polly; não podia, ao menos, dizer a palavra “pai”, pois Miss Polly não gostara dele.

A chegada de Pollyanna à casa de Miss Polly causou uma grande mudança em sua rotina. Pollyanna era uma criança que estava sempre alegre e que seguia os ensinamentos de seu pai de jogar o jogo de ver o lado positivo de qualquer situação, por pior que ela fosse. Pollyanna, em seus onze anos, era uma criança idealista e, quando não tinha o que idealizava, jogava o jogo que opai lhe ensinara.

A primeira vez que jogou tal jogo na casa de Miss Polly foi quando chegou em seu quartinho, que era muito quente, sem tapete, sem espelhos, sem quadros, e com uma cama simples e uma janela que não tinha tela de proteção contra as moscas. Sua primeira reação foi ficar triste, mas logo começou a jogar o jogo do contente e ver como aquele quarto era maravilhoso para ela, pois não precisava de espelhos, já que, dessa forma não precisaria ver as sardas em seu rosto; também não precisava de quadros, já que sua janela tinha vista para uma paisagem belíssima, muito mais bela do que qualquer outro quadro.

Miss Polly começou a dar muitos deveres a Pollyanna, não lhe permitindo tempo para brincar. No entanto, as punições de Miss Polly não era realmente punições para a menina, pois ela sempre as recebia como prêmios, afinal de contas, ela estava sempre jogando o jogo.

O jeito agitado e falante, de Pollyanna mudou muitas coisas na casa de Miss Polly, que se viu mudando de conduta por muitas vezes e aceitando coisas que antes considerava inaceitáveis, como a “adoção” de um cãozinho e um gatinho achados na rua por Pollyanna. Houve uma situação em que Pollyanna resolveu ajudar um menino órfão levando-o para casa e, dizendo que Miss Polly também o ajudaria, da mesma maneira que ajudara Pollyanna ao acolhê-la em sua casa. Miss Polly não aceitou e Pollyanna o levou para a Sociedade Auxiliadora.

Pollyanna passou a ensinar as pessoas que conhecia, ou seja, os adultos que sempre reclamavam da vida, os doentes, os solitários, os mal-humorados, a jogar o jogo do contente e a sempre ver o lado bom de cada situação. Dessa maneira ela ajudava

as pessoas, inclusive os doentes, como a senhora Snow, que, de velha doente e que só reclamava das doações que recebia, passou a ser mais grata e a ficar mais contente com o que recebia das pessoas.

Um dia, ao voltar da escola, Pollyanna foi atropelada por um carro no momento em que atravessava a rua; ninguém soube testemunhar sobre como aconteceu o acidente. Pollyanna ficou sob os cuidados de Dr. Warren, a enfermeira, Miss Polly e Nancy, a criada, tendo ficado desacordada até o dia seguinte do acidente. Após o fato ocorrido, Miss Polly passou a tratar Pollyanna de modo mais gentil e amoroso; Pollyanna ficou surpresa, mas gostou da forma amorosa como era tratada .

Miss Polly empenhou-se na recuperação de Pollyanna; levando-a aos melhores médicos, inclusive um especialista de Nova York, pois os médicos diagnosticaram que Pollyanna não poderia mais andar devido à lesão causada pelo acidente.

Quando Pollyanna ouviu, acidentalmente, o médico dizer a Miss Polly que não poderia mais andar, a pequena órfã entrou em choque e não acreditava no que tinha ouvido. Miss Polly culpou o gatinho, Fluffy, que entrou no quarto de Pollyanna e deixou a porta entreaberta, permitindo que ela ouvisse a conversa sobre sua lesão.

Pollyanna recebeu a visita de muitas pessoas queridas como Milly (filha de Mrs. Snow) e o Dr. Pendleton (o aleijado), entre inúmeras pessoas a quem ela ensinara o jogo do contente. Miss Polly ficou impressionada com tantas visitas e com tantos recados a serem dados para Pollyanna; muitos deles eram agradecimentos a Pollyanna por ter ensinado o jogo do contente a eles. Miss Polly estava curiosa e inquieta em saber o que era esse tal jogo, até perguntar a Nancy e ficar surpresa com a explicação do jogo do contente.

Miss Polly mudou muito após saber o quanto Pollyanna fora importante para várias pessoas na cidade e o quanto fora importante o jogo do contente. Miss Polly já não era tão rude, nem tão áspera como antes.

Pollyanna já se recuperava e já dava alguns passos, quando escreveu para Miss Polly dizendo que tinha dado, pela primeira vez, seis passos, e que no dia seguinte daria outros oito.

Dizia, também, que “quem nunca perdeu as pernas não avalia o que significam pernas. Pernas! Pernas! P-E-R-N-A-S...”, e termina sua cartinha, no último capítulo do livro, intitulado “Pollyanna Escreve”, dizendo:

“Amanhã vou dar oito passos. Oito já, hein?
Com montanhas de amor para todos,
POLLYANNA.”

No Brasil, as traduções de Monteiro Lobato alcançaram várias edições, o que atesta eloquentemente a excelente receptividade do público à história de Eleanor H. Porter. A história da pequena Pollyanna é uma lição de vida para as pessoas, e, apesar de ser uma obra infanto-juvenil, é uma obra que pode ser direcionada perfeitamente aos adultos. Pollyanna ensinou o jogo do contente a todos os adultos tristes e com problemas que passavam pelo seu caminho. Todas essas pessoas aprenderam a jogar o jogo da pequena Pollyanna e, quando viram a situação em que ela se encontrava após seu acidente, foram demonstrar sua gratidão àquela criança que mudara suas vidas.

Porter conseguiu transmitir uma mensagem de bondade para os leitores de *Pollyanna*, criando uma corrente do bem no mundo inteiro. Já Lobato, ao traduzir *Pollyanna*, conseguiu transmitir a mesma mensagem de Porter e conseguiu também, de uma forma bem lobatiana, traduzir a Pollyanna de Porter de forma muito parecida com sua Emília, personagem alter ego de Lobato. Dessa forma, Monteiro Lobato transformou a norte-americana Pollyanna em Emilyanna, ou seja, uma Pollyanna brasileira.

Em uma análise feita por Gustavo Máximo em sua dissertação de mestrado, ele fala da proximidade entre o modo de falar da personagem Pollyanna e o da personagem Emília, destacando o uso de certas interjeições, adjetivos e sufixos por estas personagens.

Termos usados por Pollyanna no livro, como *contenteza*, *assinzinha*, *vexada*, *ora bolas*, e construções como *duma* e o excessivo uso de diminutivos são características de Monteiro Lobato na tradução de Pollyanna, ou seja, é o estilo lobatiano presente na tradução. Ao ler a tradução de Lobato, tem-se a impressão de

ler uma obra regional, como as suas próprias obras *Memórias da Emília*, ou mesmo *Emília no País da Gramática*.

A Pollyanna de Porter é uma menina que não impõe sua presença ou sua opinião, mas que se faz presente de forma sutil e gentil. Lobato confere-lhe, por sua vez, um jeito emiliano de ser na vida da menina, que se impõe para dizer o que sente e dar sua opinião. Era dessa forma que Pollyanna ensinava o “jogo do contente”, porque se fosse simplesmente pedir para ensinar às pessoas o tal jogo, talvez elas não quisessem ouvi-la. A pequena menina se adiantava a uma apresentação pessoal e adentrava na casa das pessoas que ela visitava, como tarefa que Miss Polly a designava.

No que se refere à tradução em si, Lobato cometeu alguns erros: ao traduzir literalmente a expressão “*pay the visit*” (1971: 42) como “pagar uma visita”, ao traduzir o marcador conversacional “*Really?*” para “Realmente?”, ao invés de “Sério?” ou “Verdade?”. Outro ponto bem interessante é a tradução de “*My Dear*”, que passou a ser “Minha cara” na tradução de Lobato.

Mona Baker (2001) diz que pouca ou nenhuma atenção tem sido dada até agora para a possibilidade de descrever o estilo de um tradutor ou grupo de tradutores, em termos daquilo que poderá ser distinta sobre a língua que eles produzem. Seus estudos oferecem uma primeira tentativa de delinear um quadro metodológico para investigar a questão do estilo na tradução literária – não no sentido tradicional da questão, de saber se o estilo de um determinado autor está devidamente encaminhado na respectiva tradução, mas em termos individuais quer de tradutores literários podem ser indicada a utilização dos seus próprios estilos diferentes.

Monteiro Lobato realiza, em suas traduções, o seu próprio estilo de escrever e traduzir, ele costuma abrasileirar a linguagem, deixando seu texto atraente para o público brasileiro e para o público infantil. O estilo de Lobato é irreconhecível e, mesmo lendo suas traduções, percebe-se isso; além de seu próprio estilo ainda existe um outro estilo inserido nele que é o estilo emiliando de ser.

O estilo emiliano de ser e pensar é a característica que Lobato deu a Emília, sua personagem alter ego. Nota-se por quase a tradução de Pollyanna como nos trechos a seguir:

Pollyanna *franziu a testa* como quem pensa. (1971: 53)
 Emília, de *testinha franzida*, não sabia como começar. (...)
 Emília pensou, pensou, (...)

O ato de franzir a testa ao pensar é uma característica bem emiliana e o uso frequente dos diminutivos, que Lobato utiliza com Emília, também é constante em Pollyanna, por exemplo, quando a pequena se refere ao seu quarto (quartinho 2001: 22), ao gato que achou na rua (gatinho 2001: 67), ao rapazinho (Jimmy 2001: 69), etc.

O livro *Pollyanna* é um livro que encanta e ensina a sempre ver o lado positivo da vida, independente da situação. Pollyanna, uma criança de 11 anos, ensina aos adultos seu jogo do contente e consegue mudar a vida dessas pessoas. É uma história emocionante e comovente, e a tradução de Lobato traz mais vida e alegria ao livro.

Referências Bibliográficas

- BAKER, Mona (2001). "Towards a Methodology for Investigating the Style of a Literary Translator". In: *Target*, vol. 12, Number 2, 2001, 241-266.
- BENJAMIN, Walter (1923/1973) *The Task of the Translator – An introduction to the translation of Baudelaire's Tableaux Parisiens*. Translated by Harry Zohn. London: Collins (Fontana), 1973. 69-82.
- LOBATO, M. (1934). *Emília no País da Gramática*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1934.
- _____. (2007) *Memórias da Emília*. Ed. Globo. São Paulo.
- PORTER, E. H. (2006) *Pollyanna*. Thomson ELT, 2006.
- _____. (1971) *Pollyanna*. Tradução de Monteiro Lobato. Cia da Editora Nacional. São Paulo, 1971.
- MÁXIMO, G. (2004) *Duas Personagens em uma Emília nas Traduções de Monteiro Lobato*. Dissertação de Mestrado, IEL – UNICAMP, São Paulo.
- MILTON, J.; EUZÉBIO, E. (2004) "Tradução e Identidade Política: As Adaptações de Monteiro Lobato e o *Julio César* de Carlos Lacerda". In: MARTINS, Márcia A. P. (org.). *Visões e Identidades Brasileiras de Shakespeare*. Rio de Janeiro: Lucerna.